



GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andrea Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que reflitam sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

Corpos-territórios kaingág: políticas e violências de gênero a partir de uma perspectiva descolonizante

Autoria: Paola Andrade Gibram, Jaciele Nyg Kuita Fideles

Este work, fruto de uma parceria entre uma pesquisadora kaingang e uma pesquisadora não-indígena, busca problematizar e trazer reflexões críticas a respeito de práticas cotidianas e formas de organização política contemporâneas entre os Kaingang, explorando questões de gênero de forma associada às históricas - e ainda presentes - imposições colonizadoras do Estado, que culminaram em transformações profundas no modo de ser indígena. Partindo da concepção de que o corpo kaingang é constantemente construído de forma relacional em seu território próprio e ancestral, propõe-se que os esbulhos territoriais sofridos ao longo dos últimos séculos não podem ser pensados de forma dissociada das violências imputadas aos corpos indígenas. Neste sentido, os estupros que hoje mancham a história do contato entre mulheres indígenas e homens fóg (não-indígenas), são percebidos como invasões e expropriações do corpo da mulher kaingang, assim como ocorreu com seus territórios. Por outro lado, entende-se aqui que a política indígena não pode ser concebida como algo destacado das percepções, olhares e posturas acerca da criação e construção do corpo e pensamento kaingang. Assim, ainda que as lideranças políticas kaingang sejam majoritariamente masculinas, a atuação das mulheres no plano político se dá de forma profunda desde tempos imemoriais, uma vez que são elas as principais responsáveis pela transmissão intergeracional de conhecimentos relativos

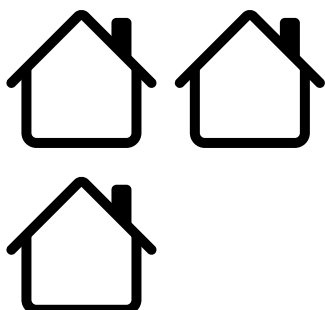


à construção do corpo e dos modos de ser indígena, bem como da consolidação de vínculos e da constante construção de coletivos sociopolíticos a partir de suas redes relacionais e da criação em suas próprias casas ou núcleos familiares. As mulheres, portanto, seriam relacionadas ao sentido criativo da noção de ?produção? ? produção de corpos, pensamentos, vínculos, coletivos. Aos homens, caberia o plano da ?ação?. Estas formulações do político, por sua vez, convergiriam com a concepção de mundo kaingang dualista, relacionando-se pela diferença, dinamicidade e transformação. Diante do apresentado, buscaremos neste work pensar, a partir de situações concretas do cotidiano e da percepção de mulheres kaingang envolvidas com o movimento indígena nacional ? portanto, altamente atuantes no plano das mediações, lutas e diplomacias entre as políticas indígenas e não-indígenas-, diretrizes que poderiam contribuir para a construção de políticas públicas relativas às violências de gênero, destacando as especificidades necessárias para o mundo kaingang.

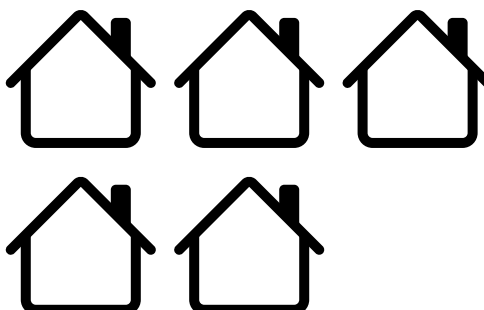
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

